

X Seminário de Pesquisa e Extensão FESPSP

“Educação Superior e Sociedade para um mundo em reconstrução”

16 a 19 de novembro de 2021

Eixo 2 – Economia, Trabalho e Desenvolvimento

### **Análise terminológica das competências profissionais do bibliotecário contemporâneo**

*Roberta Amaral Sertório Gravina<sup>1</sup>*  
*Universidade de São Paulo (USP)*

*Vânia Mara Alves Lima<sup>2</sup>*  
*Universidade de São Paulo (USP)*

#### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar as etapas da pesquisa, em andamento, que pretende analisar terminologicamente as competências profissionais do bibliotecário exigidas pelo mercado de trabalho contemporâneo, para que este possa vislumbrar um perfil profissional de maior empregabilidade a partir da análise e reunião das aptidões, habilidades e conhecimentos necessários – tanto no âmbito técnico quanto no comportamental (*soft e hard skills*) – em um glossário terminológico, que possa lhe servir de material de consulta e referência na continuidade do pleno exercício de suas atividades frente às atuais e constantemente variáveis necessidades sócio corporativas relacionadas à organização de dados, informações e conhecimentos. A metodologia empregada, parte do levantamento bibliográfico acerca do conceito de informação, das áreas de atuação no mercado de trabalho informacional e do fazer terminológico para a realização de uma análise aplicada das suas competências profissionais, a partir da utilização da técnica de Revisão Sistemática da Literatura (RSL) com aplicação de protocolo adaptado para tal finalidade e elaboração de modelo próprio de ficha de coleta de dados para a definição dos termos.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Competências profissionais. Terminologia. Bibliotecários.

---

<sup>1</sup> Mestranda na modalidade profissional no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: robertagravina@usp.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, Mestre em Ciências da Comunicação e Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: vama@usp.br

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a implementação da industrialização a tecnologia tem revolucionado a maneira como vivemos e nos relacionamos, mudando o nosso estilo de vida tanto no âmbito pessoal quanto no profissional. Inicialmente, tal processo demandou novos conhecimentos na operação das máquinas que passaram a sustentar o novo estilo de vida que se impunha a partir das grandes cidades, porém, em poucas décadas, a demanda por profissionais cujas habilidades contemplassem minimamente alguns aspectos básicos acerca da recém estabelecida cultura digital aumentou exponencialmente ao passo de tornar-se item obrigatório nos currículos da atualidade.

Com o profissional da informação, não foi diferente. O papel das bibliotecas percorreu diversas reformulações ao longo deste período e, principalmente, desde a regulamentação da profissão ocorrida em 1962 com a Lei nº 4.084, observamos uma contínua preocupação com a modernização do saber bibliotecário de maneira que este permaneça preparado para cumprir o seu principal dever de tornar a informação acessível independentemente do suporte em que ela se encontra e de quem a deseja consultar, demandando a atualização constante dos cursos superiores de graduação cada vez mais para além do chamado núcleo duro da Biblioteconomia.

Desta forma, entende-se que atualmente saber operar um sistema de automação de acervos, bases de dados digitais, páginas eletrônicas de busca, ferramentas, aplicativos e outros gadgets relacionados a atividades específicas de sua área de atuação, bem como programas básicos de gerenciamento de atividades administrativas de rotina como planilhas, editores de texto, imagem etc., já vem sendo considerado uma obrigatoriedade – e não mais apenas a aquisição de qualidades complementares à formação superior –, podendo implicar em uma facilidade (ou obstáculo no caso de sua ausência) no momento de uma contratação.

A grande questão configura-se então em compreender que o mercado de trabalho tem se modificado com maior rapidez a cada dia, superando as matrizes curriculares com facilidade e impulsionando a formação continuada daqueles que desejam se manter atualizados e exercendo funções compatíveis às necessidades sociais do momento presente, tal qual quando de suas formações acadêmicas. Isto nos leva a crer que devemos empreender, cada vez mais, uma gestão de carreira com planejamento contínuo e projeção a médio e longo prazos.

Neste contexto, surge como problema de pesquisa a necessidade de discutir, com maior frequência, sobre a atualização dos conhecimentos e qualificações bibliotecários, explorando aquelas atividades que vão além do campo de atuação entendido como tradicional, e que envolvem, essencialmente, as bibliotecas físicas ou outras Unidades de Informação (UI), com acervos bibliográficos compostos majoritariamente de livros impressos e a realização dos serviços básicos de aquisição, processamento técnico e referência.

Tal discussão e, conseqüentemente, a divulgação das competências profissionais do bibliotecário frente ao mercado de trabalho contemporâneo, são possíveis facilitadores para a compreensão a respeito de nossos afazeres perante a sociedade civil e potenciais clientes e/ou empregadores, melhorando assim a visibilidade do segmento e identificando as melhores práticas para o reconhecimento identitário de uma ocupação que por vezes é compreendida como ultrapassada, em um adjetivo concedido por aqueles que associam a sua nomenclatura diretamente vinculada a um local – a biblioteca – e não a suas atividades ou conhecimentos.

Contudo, para mudar esse estigma e compreender onde buscar uma colocação profissional mais condizente às novas demandas é necessário em um primeiro momento, realizar uma análise de nosso perfil, para delinear as predileções nas quais devemos investir recursos temporais e financeiros que ampliem as nossas chances de empregabilidade em meio às tendências do empreendedorismo informacional. Essas características estão diretamente atreladas às preferências, que devem ser combinadas a uma pesquisa de mercado e estudo das competências já adquiridas ou que se pretende adquirir, de maneira que se estabeleça um foco nos canais mais adequados para a busca pelas vagas ou contratos pretendidos.

Para tanto, o presente artigo aborda os seguintes temas centrais com o intuito de contribuir no auxílio da categoria profissional para que possamos explorar novas áreas de atuação:

- (i) Compreender a importância do **conceito de informação** enquanto principal insumo, seja como matéria-prima ou produto, para o exercício profissional do bibliotecário, principalmente enquanto prestador de serviço, com base em sua legislação de regulamentação e na literatura acadêmica da área;
- (ii) Identificar as tendências do **mercado de trabalho** contemporâneo voltado ao bibliotecário, destacando as diferentes possibilidades de prática laboral além das tradicionalmente conhecidas e os benefícios gerados a partir do desempenho de atitudes empreendedoras;
- (iii) Apresentar os preceitos da Terminologia a serem utilizados para especificar o viés mercadológico das **competências profissionais** do âmbito informacional no cenário identificado, permitindo a definição de termos a serem levantados diante do domínio selecionado para a composição futura de um glossário terminológico.

Sendo assim, em um primeiro momento, identificamos o conceito de informação para a área de Biblioteconomia e empreendemos uma verificação de sua usabilidade a partir da legislação profissional vigente, buscando identificar os principais nichos de atuação do bibliotecário, incluindo as atuais tendências do mercado informacional disponíveis ao seu exercício e aperfeiçoamento ocupacional.

Em seguida, apresentamos uma amostra de um mapeamento das competências profissionais necessárias para o atendimento deste mercado e uma análise terminológica de maneira a fundamentar a elaboração futura de um glossário que atue como referência na gestão de carreira e manutenção da colocação bibliotecária frente aos novos rumos da profissão.

Para o desenvolvimento da abordagem da pesquisa, empregou-se um levantamento bibliográfico do tipo documental e exploratório, predominantemente de domínio digital, em três bases de dados consideradas de suma importância para o meio acadêmico biblioteconômico brasileiro. A escolha dos sites de referência se deu pela adequação à área de pesquisa, confiabilidade dos dados apresentados e ampla gama de representatividade documental em diversos formatos, fontes e regiões de produção acadêmica do material indexado, além da facilidade de acesso e equivalência dos campos de busca.

A delimitação temporal do levantamento se deu nos últimos 10 (dez) anos até o início da pesquisa que culminou na confecção deste artigo, ou seja, entre janeiro de 2011 e dezembro de 2020 e ocorreu nas seguintes páginas:

- Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI);

- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTDUSP); e
- Repositório dos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (BENANCIB).

O método escolhido para a realização do estudo qualitativo nestas bases de dados, foi a investigação terminológica descritiva a partir de um problema de designação, isto é, em uma perspectiva monolíngue, e com a aplicação da Revisão Sistemática da Literatura (RSL) como técnica de pesquisa para o levantamento bibliográfico dos termos que comporão o glossário e suas respectivas definições futuramente.

Em uma prévia da coleta de dados utilizando os seguintes termos de busca: Atuação profissional *and* Bibliotecário, Campo de atuação *and* Bibliotecário, Competência profissional, Conhecimento profissional, Habilidade profissional, Mercado de trabalho *and* Bibliotecário, Análise terminológica e Método terminológico durante o período de 21 a 25 de junho de 2021, observamos uma diferença significativa no resultado da pesquisa geral sem aspas que soma 4.197 arquivos com relação a inserção de aspas na busca específica das mesmas palavras-chave apresentando 152 documentos ao todo. Verificamos que para o empreendimento do *corpus* aqui almejado, a segunda opção nos possibilita de maneira mais adequada a realização da análise requerida para a identificação dos termos e composição do pretendido glossário dentro do prazo estipulado para a conclusão da pesquisa.

Os resultados da coleta, ou seja, termos que constituirão o glossário, serão registrados em fichas terminológicas de coleta, e de síntese quando necessário, para a definição das competências profissionais bibliotecárias a partir de um modelo simples e com as adaptações necessárias, conforme o modelo apresentado a seguir:

Imagem 2 – Modelo de preenchimento da ficha de coleta.

<b>Termo:</b>				<b>n°</b>	
<b>Tipo:</b>	<b>Aptidão ( )</b>	<b>Habilidade ( )</b>	<b>Conhecimento ( )</b>	<b>Competência ( )</b>	
<b>Contexto(s):</b>	1)			<b>Fonte(s):</b>	1)
	2)				2)
	3)				3)
<b>Definição:</b>					
<b>Relações:</b>	USE (remissiva de termo não preferido)				
	UP (usado para sinônimos)				
	TG (termo geral)				
	TE (termo específico)				
	TR (termo relacionado)				
<b>Nota(s):</b>				<b>Data criação:</b>	
				<b>Data alteração:</b>	

Fonte: Elaborada pela autora (2021).

## 2 O CONCEITO DE INFORMAÇÃO

Para falarmos sobre a amplitude das possibilidades de atuação do bibliotecário no mercado de trabalho contemporâneo, necessitamos inicialmente compreendermos qual é e de onde vem o principal insumo de suas atividades: a informação, visto que para muitos o bibliotecário lida apenas com o objeto livro.

Historicamente, até a primeira metade do século XX, a atividade desempenhada pelos bibliotecários ainda não havia sido regulamentada e teve um grande incentivo a partir da criação do Plano Nacional da Educação na década de 1930, pelo então ministro da respectiva pasta Gustavo Capanema que, ao impor o ensino básico gratuito, impulsionou diversos programas de distribuição de livros, o que acabou resultando na valorização do ambiente das bibliotecas (BIBLIOTECONOMIA..., 2020, p. 37).

A partir de então, alguns bibliotecários como Rubens Borba de Moraes, Adelpha Figueiredo, Laura Russo e Lydia Sambaqui dentre outros, desempenharam uma importante função para o nosso reconhecimento profissional, atuando politicamente em atividades que culminaram na aprovação em âmbito federal da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que trata da profissão do bibliotecário e legitima o seu exercício.

Em seu Artigo 1º, a referida lei enquadra a designação profissional do bibliotecário no quadro de “profissões liberais” da Consolidação das Leis do Trabalho e priva a sua execução somente aos bacharéis em Biblioteconomia. Segundo a Confederação Nacional das Profissões Liberais (CNPL), o termo “profissional liberal” se refere os “trabalhadores, que podem exercer com liberdade e autonomia a sua profissão, decorrente de formação técnica ou superior específica, legalmente reconhecida, formação essa advinda de estudos e de conhecimentos técnicos e científicos (CONFEDERAÇÃO..., [20--]). Desta forma, entendemos que o bibliotecário pode – e deve – desempenhar as suas atividades profissionais também de maneira autônoma a partir da prestação de serviços com a venda direta de suas habilidades técnicas, além da contratação celetista já amplamente praticada. Isto é, há de se manter em mente também a opção liberal da ocupação por captação de projetos e demandas individualizadas, sejam elas de curto, médio ou longo prazos.

Em seguida, no Artigo 2º, destacamos que a referida lei ainda menciona que tal exercício será permitido aos bibliotecários devidamente diplomados “em qualquer de seus ramos”, abrindo margem novamente para a realização de atividades diversas que são melhor descritas mais adiante no Artigo 6º, conforme segue:

São atribuições dos Bacharéis em Biblioteconomia, a organização, direção e execução dos serviços técnicos de **repartições públicas** federais, estaduais, municipais e autárquicas e **empresas particulares** concernentes às matérias e atividades seguintes:

- a) o ensino de Biblioteconomia;
- b) a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- c) administração e direção de bibliotecas;
- d) a organização e direção dos serviços de documentação;
- e) a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (BRASIL, 1962, grifo nosso).

Os destaques aqui atribuídos às menções de execução de serviços tanto em repartições públicas de qualquer esfera quanto para empresas particulares, conclui esse pensamento de que devemos nos manter abertos às diferentes possibilidades disponíveis no mercado de trabalho em constante movimento, mesmo utilizando-se de um texto produzido há mais de 60 anos, quando o cenário econômico era outro, assim como o foco das atividades profissionais ainda era pouco diversificado. Mas, é importante ainda mencionar que, em seu Artigo 7º, mesmo atribuindo “preferência” e não exclusividade a algumas outras atividades, apresentava-se uma visão mais ampla acerca do fazer bibliotecário e sua capacidade de exercer funções como:

- a) demonstrações práticas e teóricas da técnica biblioteconômica em estabelecimentos federais, estaduais, ou municipais;
- b) padronização dos serviços técnicos de biblioteconomia;
- c) inspeção sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas;
- d) publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca;
- e) planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de bibliotecas;
- f) organização de congresso, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras, relativas a Biblioteconomia e Documentação ou representação oficial em tais certames (BRASIL, 1962).

No entanto, ter noção das perspectivas empregatícias disponíveis é apenas o início da conscientização das alternativas à nossa frente, ficando o outro extremo dessa cadeia na apropriação do conceito do termo informação e as possibilidades de trabalho que ele nos traz quando compreendido em sua totalidade.

Ao nos referimos à designação científica do termo informação, entramos em uma discussão já amplamente debatida por especialistas da área, de onde surgiram diversas elucidações assim como também novas divergências. Mas, independentemente da vertente analisada, o que parece ser senso comum é que se trata de um conceito interdisciplinar, ou seja, cada área do conhecimento a define de acordo com a sua especificidade.

Assim, não se pretende realizar aqui uma complexa e extensa análise de revisão teórica sobre este tema, mas selecionar a definição que melhor se encaixa ao propósito da explanação pretendida e apresentá-la como ponto de partida, para que o objetivo de amplificar a visão das competências necessárias ao profissional que deseja trabalhar com a informação seja cumprido. Portanto, realiza-se um breve resgate histórico do termo informação no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, de maneira a estabelecer a relação de sua definição com a identificação das competências profissionais necessárias para lidar com esta que é a matéria-prima dos serviços no mercado de trabalho bibliotecário.

Iniciamos tal análise, com a premissa de que para falarmos em informação é necessário entendermos o seu contexto e compreender que ela faz parte do nosso cotidiano, seja ele doméstico ou profissional, desde a embalagem de um produto disponível à venda na prateleira do supermercado até a árvore genealógica de um determinado indivíduo ou família. Como coloca Smit (2012) tudo pode ser portador de informação, como

a fumaça nos filmes de faroeste [que] informa o perigo pressentido pelo índio, uma árvore [que] informa sobre o ecossistema de um local, o prédio [que] nos informa sobre a cidade, o arquiteto ou o modo de vida da população local, assim como a

obra artística [que] nos informa sobre as representações simbólicas dos povos e o sonho [que] abre caminho para as informações do inconsciente (2012, p. 84).

É também, indispensável citar a tecnologia, pois a partir do desenvolvimento tecnológico digital, obtivemos não somente a oportunidade de salvaguardar os dados, como também proporcionar que estes sejam compartilhados independente das distâncias físicas e temporais existentes. Afinal, não sabemos até quando os suportes físicos se manterão íntegros e à disposição dos interessados, como uma pintura rupestre que está sujeita a sumir com a ação do tempo ou mesmo o papel dos pergaminhos, documentos e livros impressos que estão fadados à deterioração.

Desta forma, ponderando que o principal fator impulsionador deste progresso é justamente o movimento realizado pela investigação e divulgação dos dados de tais descobertas, podemos afirmar que “é lugar comum considerar-se a informação como condição básica para o desenvolvimento econômico juntamente com o capital, o trabalho e a matéria-prima, mas o que torna a informação especialmente significativa na atualidade é sua natureza digital” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 149).

Com a informação em toda a parte, o desafio está em como permitir o acesso a toda essa massa de dados digitais, proporcionando a sua troca entre os indivíduos e a produção de conhecimento em prol do bem-estar social. Uma das respostas possíveis – e são diversas – é através da interdisciplinaridade, ou como diz Saracevic, “problemas complexos demandam enfoques interdisciplinares e soluções multidisciplinares” (1996, p. 48).

Capurro e Hjørland (2007) concordam que o conceito e, portanto, inferimos que sua definição está intrinsecamente ligada ao processo de recuperação da informação e apresentam diversas definições que servem de base para o desenvolvimento desta pesquisa, como as mencionadas a seguir:

- “[a informação] é dependente do contexto e das limitações” (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 170);
- “O conceito moderno de informação como comunicação de conhecimento, não está relacionado apenas à visão secular de mensagens e mensageiros, mas inclui também uma visão moderna de conhecimento empírico compartilhado por uma comunidade (científica)” (CAPURRO apud CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 173); e
- “1) informação como um recurso, 2) informação como uma mercadoria, 3) informação como percepção de padrões e 4) informação como uma força constitutiva na sociedade” (BRAMAN apud CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 174).

Observa-se aqui, claramente a referência ao contexto, que por sua vez remonta à interdisciplinaridade; à preocupação com o processo de comunicação ao transmitir a mensagem para que o conhecimento seja produzido; e à visão da informação enquanto serviço, sendo transformada em mercadoria na sociedade contemporânea. Ao unir esses preceitos, temos as características fundamentais do que é a informação, matéria prima dos serviços prestados pelo bibliotecário, independentemente de este ser funcionário de uma instituição ou ser um profissional autônomo.

Ao pensar a informação enquanto mercadoria e considerar a sua segurança, salvaguarda, disseminação e apropriação por parte dos indivíduos interessados, também estamos refletindo sobre a interdisciplinaridade e globalização dos mecanismos que envolvem o ciclo completo do

processamento técnico, intrinsecamente ligado a pelo menos algum mecanismo digital. Guimarães reflete este pensamento quando diz que,

se hoje aspectos como a globalização, a inter – e a trans – disciplinaridade, a integração e o compartilhamento constituem-se em palavras de ordem da sociedade pós-moderna, é necessário que a legislação profissional esteja mais voltada para aspectos de fundo como a capacitação profissional (não aquela dada pura e simplesmente pelo diploma, mas por um background de conhecimentos que permitam a formação de um cidadão-bibliotecário e de um bibliotecário-cidadão) (1996, P. 10).

Vemos, portanto, que o bibliotecário contemporâneo carrega consigo a responsabilidade de enxergar as necessidades informacionais de uma sociedade soterrada em dados – nem sempre confiáveis e/ou fidedignos para com a verdade – e auxiliar os indivíduos a utilizarem essas informações da melhor maneira possível em prol da constituição do conhecimento e para o progresso humanitário como um todo. Nesse entendimento, Valentim (2002, p. 130) afirma que “o profissional da informação do futuro deve saber reconhecer esses anseios sociais e compreender o mundo ao seu redor para um pleno exercício profissional”.

Ao compreendermos a informação enquanto principal insumo e matéria-prima para o fazer bibliotecário e aprendermos a identificar as suas demandas nos atos normativos que nos regem, aumentam exponencialmente as nossas possibilidades de atuação no campo informacional, independentemente da vertente escolhida – se tradicional, existente e não ocupada ou de tendências – para o desempenho de nosso ofício. Com esta visão, temos maior clareza quanto às competências profissionais necessárias para nos mantermos influentes e transitarmos nos novos campos surgidos a todo instante.

### 3 A ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO MERCADO DE TRABALHO

Para identificarmos as competências profissionais necessárias ao bibliotecário para se inserir no mercado de trabalho, iniciaremos o nosso percurso considerando os seus principais campos de atuação e como essa escolha interfere na aquisição de novos conhecimentos no decorrer de sua carreira profissional.

São duas as abordagens possíveis para o entendimento desses campos: uma que denominaremos como de cunho **funcional**, que reconhece as características dos diferentes grupos de mercado e identifica as oportunidades dentro de cada um deles; e outra que chamaremos de caráter **gestor**, que está sempre em busca do desenvolvimento de uma visão sistêmica capaz de antecipar o direcionamento dos negócios para a aplicação de ações inovadoras. Ambas, quando observadas com atenção, apresentam grande potencial de conduzir o bibliotecário à conquista de seu almejado espaço junto ao mercado de trabalho.

Valentim (2000), a cerca de duas décadas, vem desenvolvendo grande esforço na vertente da abordagem funcional, ao apontar três perspectivas ao bibliotecário e que ainda se apresentam válidas no contexto contemporâneo. Para a autora, ao examinarmos “de uma forma sistematizada o mercado de trabalho do profissional bibliotecário, verifica-se que é possível dividi-lo em três



grandes grupos: a) mercado informacional tradicional; b) mercado informacional existente não ocupado; c) mercado informacional – tendências” (VALENTIM, 2000, p. 21).

Por seu caráter mais conhecido e amplamente debatido, o “mercado profissional tradicional” não carece muita dedicação em sua explicação – apesar do reconhecimento de sua importância para a classe bibliotecária e a necessidade de constante análise e adequação às novas demandas sociais. Ele abrange basicamente as Unidades de Informação (UI), como bibliotecas em todas as suas tipologias (públicas, escolares, universitárias, especializadas etc.), arquivos, museus e demais centros culturais detentores de acervos físicos ou digitais.

Essa perspectiva tradicional abrange uma fatia consolidada do mercado informacional e, por esta razão, tende a possuir a maior quantidade de vagas formais em cargos gerenciais das unidades supracitadas, principalmente na esfera dos concursos públicos. As bibliotecas universitárias constituem o maior mercado para os bibliotecários até o momento, mesmo com a carência deste profissional em suas devidas colocações de cumprimento da Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas de instituições de ensino no País, incluindo também as escolares.

Partindo para a segunda perspectiva delineada por Valentim (2000), o mercado informacional existente e não ocupado, é onde encontramos entidades do nicho livreiro, como editoras e as próprias livrarias, além de empresas do domínio da tecnologia como desenvolvedoras de softwares voltados à catalogação e recuperação de informação, de soluções arquivísticas como digitalização e gestão documental, detentoras de bancos de dados e repositórios acadêmico-científicos, dentre outras.

Nestas ocupações, apesar de termos conhecimento da inserção de bibliotecários em posições-chave, é notório que ainda há um imenso potencial não explorado pela categoria, onde poderíamos ocupar vagas com descrições que geralmente retratam as nossas habilidades, mas não os nossos títulos universitários. Cabe, então, à própria classe profissional, empreender maior visibilidade à sua atuação e angariar posições antes não ocupadas, ou pelo menos inexploradas em sua totalidade, expandindo as oportunidades empregatícias e gerando conseqüentemente novas competências aos seus pares.

No setor livreiro, por exemplo, além da conhecida normalização, também podemos desempenhar a atividade de copidesque, que consiste na revisão textual visando a adequação de normas e padrões prescritos, além da pesquisa e resolução de questões indicadas pelas provas internas do conteúdo. Aqui, ainda podemos citar o setor jurídico que, através de seus inúmeros e grandiosos escritórios, compõem uma porção significativa das oportunidades para os profissionais da informação, em especial aos bibliotecários.

Finalizando este tipo de abordagem, temos o mercado informacional de tendências, ou seja, aquele ligado diretamente a práticas inovadoras, geralmente desempenhado por meio de atitudes empreendedoras que unam todas as competências aprendidas e desenvolvidas até então, e indo além no diagnóstico evolutivo do mercado, suas novas necessidades e orientações de consumo voltados aos produtos e serviços. Este mercado, por sua vez, também pode ter uma abordagem gerencial, mais voltada a questões comportamentais do que técnicas e essa característica aponta para outra possibilidade de análise.

Além de identificarmos as áreas de atuação do bibliotecário através das perspectivas de mercado, também podemos olhar para o panorama de tendências ao fazermos uso de ferramentas produzidas por diversas entidades que analisam o futuro do trabalho. No âmbito biblioteconômico, temos a *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)* – ou *Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias*, em português – que produz anualmente o *IFLA Trend Report*, um relatório que identifica as tendências da sociedade da informação a partir do mapeamento de suas mudanças sociais.

Em sua última atualização disponível, faz menção de que as “nossas sociedades estão enfrentando um nível de incerteza e complexidade sem precedentes [e que] em resposta, às bibliotecas e o acesso à informação são mais importantes do que nunca” (IFLA..., [2019], p. 1, tradução nossa). Desta forma, a atualização da publicação continua no caminho das edições anteriores ao compartilhar os diferentes panoramas do ambiente das bibliotecas, mas desta vez com uma abordagem mais ampla sobre novas formas de trabalhar com a informação ao atuar juntamente dos governos na implantação de políticas públicas informacionais de âmbito mundial.

Apesar de ser direcionado às bibliotecas, o relatório da *IFLA* é perfeitamente adequado ao exercício bibliotecário de maneira geral, pois ele trata sobre a formação futura de todo um ecossistema de informações, como veremos nas tendências propostas mais adiante. Em suas cinco “*trends*” originais, apresentadas em sua primeira edição de 2013 e disponíveis na página principal do relatório, são apresentados os seguintes temas de partida para o nosso caminho profissional:

- Trend 1 – Novas tecnologias;
- Trend 2 – Educação online;
- Trend 3 – Privacidade e proteção de dados;
- Trend 4 – Sociedades hiperconectadas; e
- Trend 5 – Ambiente global de informações.

Todos eles estão interligados pela tecnologia e seus avanços, que a cada dia apresentam-se mais significativos em nossas formas de conviver e trabalhar. As “novas tecnologias” cobram de qualquer indivíduo o desenvolvimento de competências em informação que os permitam utilizar as atualizações dos aparelhos eletrônicos e digitais, seja para a execução de atividades simples como ler um livro em formato e-book ou fazer uma reunião de negócios via conferência remota com um parceiro alocado fisicamente em outro lugar. Quem não souber utilizá-las, será naturalmente excluído com o decorrer do tempo.

Os métodos de ensino também têm sofrido grandes transformações ao passarem pelo aumento exponencial da demanda por “educação online”, popularmente conhecida como Educação a Distância (EaD). Isso demanda adequação dos currículos acadêmicos, ressignificação da formação pedagógica dos docentes, reestruturação da equipe de suporte técnico para o atendimento dos alunos, produção de conteúdos especificamente voltados para esse tipo de metodologia, desenvolvimento de plataformas de ensino que proporcionem uma interação adequada etc.

Outra questão latente ultimamente é a noção de “privacidade e proteção de dados” no meio digital. Com o aumento significativo da produção e disseminação de informação, tais limites estão sendo redefinidos, assim como novas legislações estão surgindo em decorrência destas práticas recentes, como é o caso da Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, que dispunha sobre a proteção de dados pessoais e alterava a regulamentação do Marco Civil da Internet e foi, por sua vez, alterada

pela Lei nº 13.853, de 8 de julho de 2019, colocando em vigência a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Essa questão da preservação de nossa privacidade, nos coloca em contraponto à ideia das “sociedades hiperconectadas” que têm se formado, principalmente a partir da utilização expressiva das redes sociais e os impactos por elas causados em nossos trabalhos, culturas e, inclusive, na política. A hiperconectividade rompe barreiras geográficas e nos aproxima socialmente trazendo incontáveis benefícios. No entanto, os seus algoritmos podem ser utilizados como ferramentas de indução às massas populacionais em determinadas temáticas, como eleições políticas, por exemplo.

A última tendência básica destacada pela *IFLA*, trata do “ambiente global de informações” e completa a concepção da transformação social ocasionada pela tecnologia, presente em todas as outras. Hoje, temos geladeiras com câmeras, conectadas aos nossos smartphones para que vejamos qual alimento é necessário comprar enquanto estamos na rua; um simples aplicativo de celular traduz incontáveis idiomas em tempo real, tornando a comunicação mais rápida e fácil durante as viagens; as impressoras 3D atingiram o nível da bioimpressão, onde reproduzem órgãos humanos artificiais para serem utilizados em transplantes e salvar vidas, dentre outros exemplos.

Enfim, percebemos que a tecnologia é o motor dessas transformações e necessita ser fomentada com informação para operar e continuar o seu aprimoramento, como no caso das Inteligências Artificiais (IA). Em todas as situações apresentadas, o bibliotecário poderia atuar na pesquisa, alimentação, padronização, análise e avaliação dos dados necessários para que tais ações se concretizassem, mostrando que podemos andar de mãos dadas aos avanços citados e expandirmos nossa área de atuação de maneira surpreendente.

Essas oportunidades nos mostram como as possibilidades de atuação do bibliotecário são extensas e ainda inexploradas, principalmente se aplicarmos uma visão mais empreendedora ao mercado de trabalho informacional. Reforçando tal pensamento, Valentim ainda ressalta que, o bibliotecário “deve conhecer as novas perspectivas e tendências informacionais, isto é, as transformações que impactam direta ou indiretamente a mediação da informação junto aos distintos públicos usuários” (2019, p. 61), como vimos nos exemplos aqui citados.

Utilizando-se dos dados levantados até então sobre as tendências de atuação, foram apresentados alguns aspectos profissionais projetados por entidades pesquisadoras do tema para o atendimento às demandas futuras do mercado, trazendo um panorama geral sobre o perfil do bibliotecário diante do conceito do termo informação e suas implicações na prestação de serviços e agora vamos compreender melhor sobre as competências que devemos ter para o seu exercício.

O caminho percorrido até aqui teve como propósito auxiliar no entendimento do contexto em que será realizada a coleta de termos para a elaboração de uma definição terminológica, pesquisando as tendências deste mercado e compreendendo o conjunto de habilidades bibliotecárias necessárias para atendê-las. Mas, ainda podemos nos aprofundar nessa área tão vasta que envolve o empreendedorismo, principalmente estando situados na denominada “era da informação”, e detalharmos as competências profissionais requeridas atualmente e que serão alvos de novas pesquisas e capacitações nos currículos biblioteconômicos do futuro.

Muito tem se falado sobre competência profissional, mas a sua aplicação prática ainda parece estar aquém das exigências do mercado de trabalho contemporâneo, principalmente no que se refere ao exercício da função de bibliotecário. Desta forma, traçaremos uma breve concepção a

respeito da visibilidade profissional da área para adentrarmos ao assunto e percebermos a relevância de treinar nossos pares a desenvolverem mais as suas habilidades cognitivas paralelamente às técnicas já amplamente difundidas e bem desenvolvidas.

Para manter-se atualizado profissionalmente hoje em dia há de se realizar pesquisa acadêmica, cursos de aperfeiçoamento e educação continuada, não somente em áreas técnicas como também em capacitações que envolvam questões comportamentais, com o intuito de desenvolver o domínio das emoções em situações inesperadas – tanto boas para aproveitá-las da melhor forma, quanto ruins para saber como passar por elas sem maiores danos.

Souza (2006), nos lembra da síntese produzida por Ohira e Prado sobre o conhecimento que um profissional da informação deve dominar e destaca as

‘atitudes e qualidades pessoais’ [...] por três vieses: a) do profissional como empreendedor; b) do profissional atento à responsabilidade social; c) do profissional com atitude de flexibilidade a mudanças. Além deles, também são encontrados textos cujas ênfases estão na capacitação do profissional para atuar como gestor de informação e com as tecnologias da informação (p. 25).

Passemos então a uma análise dessas atitudes e qualidades pessoais, conhecidas atualmente sob o termo em língua inglesa *soft skills* (cuja tradução livre é habilidades interpessoais) e largamente disseminadas no âmbito da gestão de carreira para qualquer profissional atento às tendências do mercado de trabalho, independentemente de sua área de atuação, mas principalmente aos bibliotecários que atuam com informação e tecnologia que são insumos essenciais para o mundo corporativo atual.

a) Do profissional como empreendedor:

De maneira geral, um profissional é entendido como empreendedor quando assume a responsabilidade de criar algo inovador para a sociedade, com persistência e sabendo calcular os riscos envolvidos no processo. No caso do bibliotecário, essas atitudes inovadoras podem – e devem – ser empreendidas a partir da informação, que é sua matéria-prima e está presente em qualquer área do conhecimento.

Silva e Spudeit (2018, p. 180) dizem que “o bibliotecário precisa pensar sua carreira estrategicamente e buscar oportunidades em diferentes espaços”, para que desta forma contribuam com a melhoria de sua visibilidade profissional, uma vez que é sabido que suas funções atuais ainda não são bem conhecidas pela sociedade. Esta fala se encaixa à concepção de “empreendedor do conhecimento”, realizada por Dornelas como vemos a seguir:

Há inúmeros exemplos que se enquadram nesta categoria, tais como um atleta que se prepara com dedicação, planeja a melhor estratégia para otimizar seu desempenho e executa com perfeição o que planejou realizando seu sonho em uma olimpíada; o advogado, dentista, médico, enfim, o *profissional liberal* que quer fazer a diferença; o maestro que rege a orquestra com perfeição e entusiasmo a audiência com o resultado obtido; o escritor que estimula as pessoas a sonhar e viver o papel do protagonista da história (2015, p. 561, grifo nosso).

Perceba que, ao mencionar o profissional liberal, o autor enquadra também o bibliotecário nesta categoria, conforme as diretrizes presentes no Artigo 1º da Lei Federal nº 4.084, de 30 de

junho de 1962, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício, assim como o Parágrafo Único do Artigo 1º da Lei Federal nº 9.674, de 25 de junho de 1998, que também dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário e determina outras providências.

Nos atendo um pouco mais à definição de empreendedor do conhecimento, Dornelas ainda enumera outras características que são comuns ao bibliotecário, tais como: nível de autonomia dependente da atividade exercida, mas geralmente alto; nível de risco baixo, tendo como principal ação zelar pela sua reputação; nível de dedicação acima do normal, muitas vezes confundindo o pessoal com o profissional; utilização de recursos próprios e não necessariamente financeiros; e objetivo de realização e reconhecimento profissional (2015, p. 699).

Todos esses atributos são inerentes ao profissional liberal e ao bibliotecário de maneira geral, atendendo às atitudes e qualidades pessoais presentes no viés do profissional como empreendedor descrito por Ohira e Prado e mencionado por Souza como um conhecimento necessário aos profissionais da informação.

b) Do profissional atento à responsabilidade social:

Já a responsabilidade social, está intimamente atrelada à maneira como a Biblioteconomia pode atuar em prol da comunidade a que está inserida, principalmente no que diz respeito à interação entre o profissional que exerce atividades técnicas (seja no serviço de referência, na catalogação, indexação etc., ou mesmo com foco na análise de dados e curadoria digital) e o indivíduo ou instituição que buscam a informação.

Cunha transcorre sobre essa temática e a vincula ao excesso informacional que vem nos acometendo ao mencionar que

a informação, [que é] insumo essencial a qualquer organização, tem, no mundo globalizado, um papel fundamental. A vida atual exige que os indivíduos sejam informados o tempo todo: necessitam conhecer notícias, fatos, instruções, padrões, regras de procedimentos, normas, estatísticas etc. Mas, é necessário não esquecer que o mais importante não é a quantidade de informação disponível, e sim a sua qualidade. Esta qualidade significa informações íntegras, atualizadas, precisas e no tempo certo para a tomada de decisões. Dispor informações com qualidade pressupõe inteligência, ou seja, habilidade para transformar a imensa massa de dados das organizações em informações consistentes, isto é, com valor agregado (2003, p. 43).

Portanto, podemos afirmar que os profissionais da informação devem ter conhecimento do contexto a que estão inseridos, o suficiente para fundamentar as suas atividades técnicas de aquisição/captura, catalogação, indexação, curadoria e disseminação seletiva da informação de maneira que atendam às exigências sociais em voga e, sempre que possível, utilizando-se de atitudes empreendedoras para a valorização progressiva de sua profissão como um todo, independentemente de seu modelo contratual.

Essas são atitudes presentes em uma postura compatível às transformações impostas pelo mercado de trabalho contemporâneo e que estão em confluência às novas demandas e áreas de exercício que vem surgindo aos profissionais da informação em decorrência do avanço da tecnologia

digital, exigindo flexibilidade e inovação como competências inerentes ao novo modelo corporativo e frente a tais transições.

c) Do profissional com atitude de flexibilidade a mudanças:

E por fim, para que essas atitudes empreendedoras compatíveis à responsabilidade social sejam desempenhadas gerando novas habilidades, faz-se necessário que os profissionais da informação sejam igualmente maleáveis, estando atentos às transformações ocorridas no mundo e que impactam em nossas vidas corporativas. Sobre o efeito destas mudanças sociais e econômicas, Souza já dizia:

Aqui, dentre outros, quatro fenômenos com implicações negativas têm surgido nas preocupações tanto de muitas pessoas que hoje são profissionais bibliotecários quanto de estudantes em cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: a) cada vez mais reduz-se o mercado de empregos, apesar da expansão da necessidade de trabalho; b) não há 'fôrmas' no processo de acumulação e assimilação de conhecimentos que preparam para um papel a ser exercido como profissão no futuro; c) o diploma de graduação, ou de qualquer outro nível, obtido na universidade, não é mais garantia de domínio de tudo o que se precisa saber para ser um profissional no futuro; d) a instituição universitária não é mais o espaço que outorga, com o diploma, um documento que favorece a ascensão social (2004, p. 102).

Isto nos mostra que, apesar do posicionamento que se tenha quanto ao futuro da Biblioteconomia no Brasil, temos presenciado desde o início dos anos 2000 uma ruptura gradual com relação ao oferecimento de empregos, à adequação dos currículos acadêmicos frente às exigências do mercado, à necessidade de aquisição de novas aptidões, habilidades, conhecimentos e competências para além de um diploma universitário e a um posicionamento de educação continuada na escalada corporativa e social.

Esses questionamentos nos levam a um debate epistemológico quanto ao termo bibliotecário como sendo um colaborador ainda bastante atrelado ao suporte dos livros frente às novas tecnologias e a massiva quantidade de dados disponibilizados em meios digitais, prontos a serem coletados, analisados e tratados por estes mesmos profissionais da informação.

No entanto, conforme mencionam Siebra, Borba e Miranda (2016, p. 29-30), "agregar valor à informação digital, normalmente requer uma intervenção ativa por pessoas qualificadas e o uso de aplicações de software" e completam lembrando que "porque a informação digital é frágil, corruptível, facilmente alterada e sujeita a exclusão acidental e intencional, manter a integridade da informação é um aspecto crítico da curadoria digital". Mais uma vez, nos referimos a uma atividade sob a tutela de competências desenvolvidas pelo bibliotecário e não é a de cunho tradicional.

Desta forma, percebemos que ter atitude empreendedora sem perder de vista a responsabilidade social, em congruência a um posicionamento flexível diante do aparecimento de novas atribuições e necessidades, são aspectos essenciais para o bibliotecário que deseja se manter atualizado às necessidades impostas pelo mercado de trabalho contemporâneo. Neste interim, Smit salientou que

a simples disponibilização da informação não equivale ao exercício do dever de informar, pois o dever de informar remete ao dever de criar condições adequadas para a construção do conhecimento. Em outras palavras, a disponibilização da informação é necessária mas não suficiente para o exercício da cidadania (2012, p. 99).

Ou seja, o profissional da informação do futuro deve não apenas realizar as atividades básicas do núcleo duro da Biblioteconomia – ou outras áreas afins – como também exercer a sua função de maneira criativa e inovadora, para que proporcione circunstâncias cada vez mais adequadas e personalizadas às necessidades informacionais de pessoas e instituições que surgem a todo momento, auxiliando desta forma o exercício da cidadania através da promoção constante da produção do conhecimento.

Vale mencionar também, que o desenvolvimento de áreas como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação auxiliadas pela tecnologia contribuiu para a melhoria de uma série de processos diretamente relacionados à informação, alterando o comportamento humano e gerando novas competências profissionais (SARACEVIC, 1996, p. 60). Tais competências, extrapolam a esfera das ações de coletar, selecionar, catalogar, classificar, indexar, armazenar e identificar informações, permeando os saberes aplicados aos fatores que envolvem as relações interpessoais e de tomada de decisão.

Algumas dessas competências levantadas até o momento são: adaptabilidade, colaboratividade, comunicação interpessoal, coordenação, criatividade, engajamento, flexibilidade, gestão, iniciativa, inovação, inteligência emocional e financeira, liderança, mediação de conflitos, negociação, pensamento crítico, resolução de problemas e tomada de decisão.

Essas competências foram as encontradas com maior frequência na bibliografia analisada para a composição da pesquisa deste artigo, no decorrer das citações e dos autores aqui referenciados e estão em consonância tanto com o indicado pelo Fórum Econômico Mundial, ocorrido em Davos, na Suíça, entre os dias 21 e 24 de janeiro de 2020, quanto ao prescrito como competências pessoais e profissionais pela *Special Library Association (SLA)*, importante associação profissional internacional sem fins lucrativos voltada a gestão de carreira e desenvolvimento de negócios em bibliotecas e para bibliotecários, em documento divulgado em 2016.

#### **4 A TERMINOLOGIA DAS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS DO BIBLIOTECÁRIO**

Para especificarmos o nosso olhar ao campo geral delineado até então, com a análise das competências profissionais do bibliotecário propriamente dita, será necessário antes compreendermos alguns conceitos para seguirmos adiante com maior propriedade do conteúdo pretendido e termos condições mais adequadas de construir e usufruirmos plenamente do Glossário terminológico de competências para o bibliotecário, a ser produzido na próxima etapa desta pesquisa.

Começaremos compreendendo o porquê da escolha da Terminologia – onde utilizaremos como parâmetro textual a sua dupla significação, tanto na qualidade de ciência ou disciplina representada pela grafia com o “T” maiúsculo, como em seu objeto formal de estudo através do próprio conjunto de termos de um domínio de especialidade, representado pelo “t” minúsculo –

como referencial teórico para a elaboração das definições identificadas para o rol de competências do bibliotecário.

É sabido que a Biblioteconomia, mesmo com toda a modernização da área e os esforços das Instituições de Ensino Superior (IES) para empreender uma constante reformulação de seus currículos acadêmicos, ainda tem nas UI tradicionais como as bibliotecas, a sua base de disponibilidade de vagas e contratação de serviços internos e externos (cargos celetistas ou a partir de projetos autônomos, por exemplo). Um dos motivos apontados para tal fato é o desconhecimento das demais possibilidades existentes tanto pelos contratantes quanto pelos seus próprios profissionais.

Como resolução, uma forma de expandirmos essa perspectiva de atuação é a divulgação das áreas com potencial de exploração para a prestação de serviços em informação a esse contingente de mão de obra, mas isso por si só não seria suficiente. Juntamente a esta ação, deverá também ocorrer um amplo entendimento das competências necessárias para adentrá-las, de maneira que as atividades corporativas requeridas fossem desempenhadas com satisfatoriedade e se ampliasse ainda mais os esforços na disseminação dessas novas oportunidades à toda classe profissional.

Neste panorama, a Terminologia manifesta-se enquanto uma área extremamente apropriada para a execução do principal objetivo desta pesquisa, que é o de identificar os termos que denominam as competências profissionais bibliotecárias, destacadas a partir das demandas do mercado de trabalho contemporâneo. No entanto, inicialmente, é necessário pontuarmos alguns conceitos para compreendermos adequadamente esse fazer terminológico e o realizarmos com mais propriedade.

Uma das maiores estudiosas da área da Terminologia na atualidade, Cabré (1995, p. 2-3) destaca que tal palavra possui três significados, podendo ser definida como: (i) uma teoria ou disciplina que lida com termos especializados; (ii) uma prática que concebe as diretrizes e princípios que regem a coleta desses termos; ou (iii) um produto ou objeto que, por sua vez, define o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade reunidos através dessa coleta.

A partir dessas definições, em meados de 1990, Cabré elaborou a sua Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), em contraponto à Teoria Geral da Terminologia (TGT), criada por seu principal teórico o engenheiro austríaco Eugen Wüster, na década de 1930. Cabré via algumas limitações na TGT, mesmo reconhecendo a sua grande importância, sobretudo no que se refere ao entendimento epistemológico entre unidades terminológicas e lexicais da língua geral. Ou seja, para ela não havia distinção entre termo e palavra, considerando ambos igualmente como unidades linguísticas que representam signos de uma língua natural, com a única particularidade de os termos estarem voltados aos conceitos técnicos e científicos de uma área de especialidade.

Percebemos, desta forma, que a Terminologia pode ser utilizada como uma ciência do campo linguístico aplicada ao aprimoramento do entendimento das características desenvolvidas em nossa sociedade, após o processo de industrialização em massa ocorrido a partir do século XX. Porém, apesar de ter sido criada no âmbito técnico de uma área exata como a Engenharia, ela também se aplica a outros campos ainda em formação ou em processo de ressignificação de sua prática, como é o caso de todas as ocupações dos profissionais da informação em decorrência da digitalização cada vez maior de suas funções.



Nesse ensejo, Barros (2004, p. 56) classifica a terminologia, enquanto conjunto de termos, de acordo com o propósito do trabalho a ser empreendido, podendo-se optar entre a classe descritiva que se ocupa da coleta e explicação dos dados dispostos através de ferramentas como vocabulários, por exemplo, ou a normativa que se propõe a reduzir a sinonímia e a homonímia, criando os dicionários de língua geral. Tal interpretação vai ao encontro do que Dahlberg intitula de definições reais e nominais, ficando a primeira com a delimitação da intensão de determinado conceito em um contexto específico e a segunda com a distinção de possíveis características idênticas entre eles para a fixação do sentido de cada palavra (1978, p. 106).

Cientes das diferenças entre uma definição terminológica e outra lexicológica e de suas derivações em outros dois ramos aplicados, a terminográfica em um vocabulário de especialidade ou a lexicográfica em um dicionário de língua geral, por exemplo, podemos avançar e introduzir outro importante conceito proposto nesta pesquisa, que é a distinção da perspectiva onomasiológica para a semasiológica. Lara (2004, p. 94) descreve tais concepções mencionando que

a diferença entre a definição terminológica e a definição lexicográfica remete, portanto, a perspectivas distintas de abordagem, muito embora elas não sejam isentas: a lexicografia parte do signo para chegar à determinação do conceito (procedimento semasiológico); a terminografia parte da noção (ou conceito) e pesquisa os termos que lhe correspondem (procedimento onomasiológico).

Essa diferença é essencial para compreendermos o critério que será empregado na referida análise. Ou seja, o que se pretende realizar aqui é a base teórico-metodológica para que seja empreendido um estudo dos termos específicos do âmbito das competências profissionais bibliotecárias, com finalidade descritiva sob um ponto de vista onomasiológico, para estabelecer uma denominação padronizada de referência a respeito de tais conceitos, proporcionando assim uma comunicação mais precisa para o bibliotecário em sua procura por qualificação para o mercado de trabalho atual.

Isso significa, que partiremos em busca dos conceitos presentes na literatura da área central de interesse – utilizando dos preceitos da terminologia enquanto ciência fundamental – para então denominar os termos dela extraídos com o método de estudo da onomasiologia, que parte da noção ou conceito de algo para a determinação de sua forma linguística correspondente – empregando agora a terminografia em seu caráter de ciência aplicada. Ou seja, a designação, e não somente o ato de denominar, é a chave para a análise que será empreendida.

Finalizando, faz-se necessário mencionar que na esfera da terminologia clássica o termo é considerado um produto que surge em consequência de uma relação extralinguística mediada pelo conceito. Suas definições configuram-se em ferramentas indispensáveis na manutenção da argumentação científica, fazendo-se mais do que necessário o desenvolvimento contínuo do conhecimento e da linguagem adaptados à realidade em constante movimento (DAHLBERG, 1978, p. 106).

## **5 CONCLUSÃO**

Os conceitos apresentados até aqui, bem como a definição da metodologia de pesquisa, nos conduzem a viabilidade de ir além e pensarmos em como convertermos este conhecimento em algo

palpável para nossos pares. Desta forma, chegamos à seguinte questão: mas, afinal, o que diferencia um termo de um conceito ou uma definição e como identificar cada significado corretamente ao compor o inventário de competências e empreender corretamente a sua descrição? Tais questões nos levam a propor a elaboração de um glossário terminológico de competências profissionais para os bibliotecários, a fim de melhorarmos a nossa gestão de carreira.

Medeiros (1986, p. 136), identifica o termo enquanto “um signo linguístico que representa um conceito identificado na estrutura conceitual de um campo específico do conhecimento”. Já Cabré (1995, p. 7, tradução nossa), o define comparando-o ao dizer que “uma palavra que faça parte de um âmbito especializado seria [também] um termo”, partindo assim da unidade linguística geral (palavra) para a mais singular (termo) quando inseridas em uma área de especialidade.

Sobre os conceitos, Dahlberg (1978, p. 102) diz que a sua formação é “como a reunião e compilação de enunciados verdadeiros a respeito de determinado objeto” e que “para fixar o resultado dessa compilação necessitamos de um instrumento [que] é constituído pela palavra ou por qualquer signo que possa traduzir e fixar essa compilação”. Portanto, podemos afirmar que o conceito é uma compilação de enunciados verdadeiros sobre um determinado artigo, realizada por meio de um símbolo linguístico ou forma verbal como as palavras e os termos.

Unindo ambos temos a descrição da definição que, segundo Lara (2004, p. 93), é “um enunciado que descreve um conceito permitindo diferenciá-lo de outros conceitos associados”. Deste modo, compreendemos que uma definição apresenta o conhecimento que se tem de algum objeto, fixando os limites de sua ideia a partir das características que formam o seu conceito e contendo palavras que podem representar termos quando inseridas em um domínio de especialidade.

Pensando na definição de termos – especificamente dos que englobam o universo das competências profissionais bibliotecárias – retornamos ao universo da informação enquanto matéria-prima e produto de nossa área, pois será ao seu redor que desempenhamos as nossas aptidões, habilidades e conhecimentos profissionais adquiridos através de nossas formações acadêmicas (sejam estas basilares ou complementares) e experiência laboral.

Ao longo de sua história, a Ciência da Informação passou por três paradigmas: o físico, de 1945 a meados da década de 70; o cognitivo, de 1980 a meados da década de 90; e o social da década de 90 em diante. Saiu do pós-guerra com uma visão diferenciada da Biblioteconomia para a promoção do acesso à informação, passando pela transformação industrial da ciência moderna e aprimoramento dos procedimentos técnicos de tratamento da informação e chegou até os movimentos sociais a partir da necessidade informacional contextualizada às nossas diferentes realidades (SMIT, 2012, p. 88-9).

Nas palavras de Smit (2012, p.90), “o paradigma físico priorizou o objeto, o paradigma cognitivo enfatizou o sujeito, e o paradigma social enxerga o sujeito, contextualizado, em sua relação com o objeto-informação”, concluindo assim a tríade da comunicação informacional objeto-sujeito-informação para a geração de conhecimento.

Compreender a informação, principal matéria-prima para o desenvolvimento dos serviços bibliotecários, é primordial para que os profissionais desempenhem as suas atividades com maior entendimento do objetivo final e, real significado, das atividades realizadas perante a sociedade. A definição de informação deve estar no cerne dos objetivos profissionais daqueles que atuam

diretamente com ela, pois assim a sua principal atribuição, que é a de proporcionar a produção do conhecimento, não será colocada de lado, além de expandir o leque de opções em nossa atuação no mercado de trabalho.

Uma vez compreendido o conceito de informação e a sua definição terminológica para a atuação do bibliotecário, fica claro que o que ela representa vai muito além dos suportes em que esta possa ser disponibilizada. Com esta ideia clara, amplia-se consideravelmente o nosso exercício profissional para além do campo considerado tradicional e estabelecido principalmente nas bibliotecas, arquivos e demais UI em geral, atingindo qualquer área do conhecimento humano e em todos os formatos disponíveis.

Em complemento e conclusão desta pesquisa, está sendo elaborado um *Glossário terminológico de competências profissionais do bibliotecário contemporâneo*, cujo objetivo é servir como obra de referência para a sua gestão de carreira com o intuito de proporcionar maiores condições de decidirmos onde empreendermos nossos recursos de aprimoramento para nos mantermos relevantes e atuantes frente a um mercado de trabalho em constante mudança.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BIBLIOTECONOMIA: passado e futuro de uma profissão. São Paulo: Sociologia e Política, 2020. *E-book*.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 2 set. 1962. PL 4770/1958.

BRASIL. Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário e determina outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 1962. PL 3493/1993.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: ULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antártida; Empúries, 1993.

CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567/568>. Acesso em: 9 set. 2020.

CAFÉ, Lígia; BRASCHER, Marisa. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de contos. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 25-51, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10388/9282>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 31 mar. 2020.

CBO MTE. **CBO 2612-05**: Bibliotecário. Disponível em: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/261205-bibliotecario>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS PROFISSÕES LIBERAIS. **O profissional liberal**. CNPL: Brasília, DF, [20--]. Disponível em: <https://www.cnpl.org.br/o-profissional-liberal/>. Acesso em: 8 fev. 2021.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Enc. Biblio: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 15, 2003. Disponível em: [https://brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/09/pdf\\_66b8539611\\_0011735.pdf](https://brapci.inf.br/_repositorio/2010/09/pdf_66b8539611_0011735.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. Tradução: Astério Tavares Campos. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-7, 1978.

DEMO, Pedro. **Habilidades e competências no século XXI**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo na prática**: mitos e verdades do empreendedor de sucesso. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

EMPREENDEBIBLIO. Disponível em: <https://empreendebiblio.com/>. Acesso em: 8 mar. 2020.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. **A legislação profissional do bibliotecário**. São Paulo: APB, 1996. (Ensaio APB, n. 32).

IFLA TREND REPORT 2019 UPDATE. Netherlands: IFLA, [2019].

LARA, Marilda Lopez Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 33, n. 2, p. 91-6, maio/ago. 2004.

MEDEIROS, M. B. B. Terminologia brasileira em Ciência da Informação: uma análise. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 135-42, jul./dez. 1986. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/283/1/BRASCHERC1986.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2021.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Acesso em: 6 abr. 2020.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da (org.). **O perfil das competências na atuação bibliotecária**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota).

SILVA, Pollyanna e; SPUDEIT, Daniela. A contribuição do empreendedorismo para visibilidade do bibliotecário no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s. l.], v. 14, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1075/1059>. Acesso em: 6 maio 2020.

SMIT, Johanna W. A informação na Ciência da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 2012.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2006.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional "bibliotecário" no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Enc. Biblio: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 18, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p90/5475>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SPECIAL LIBRARIES ASSOCIATION. **Competencies for information professionals of the 21<sup>st</sup> century**. [Washington, D.C.]: SLA, 2003. ed. rev. Disponível em: [https://www.sla.org/wp-content/uploads/2013/01/O\\_LRNCompetencies2003\\_revised.pdf](https://www.sla.org/wp-content/uploads/2013/01/O_LRNCompetencies2003_revised.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.

SPUDEIT, Daniela (org.). **Empreendedorismo na Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Agência Biblio, 2016.

VALENTIM, Marta Lúcia (org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 9, 2000. p. 16-28.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. Tendências e perspectivas profissionais e as competências essenciais para a formação e a atuação do bibliotecário. **Revista Eletrônica da ABDF**, v. 3, n. 2, jul./dez. 2019, p. 46-63.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000.

VALLS, Valéria Martin; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). Tendências contemporâneas na gestão da informação. São Paulo: Sociologia e Política, 2011.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The future of jobs report 2020**: october 2020. Geneva: World Economic Forum, 2020. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_Future\\_of\\_Jobs\\_2020.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2020.pdf). Acesso em: 25 jan. 2021.